

A RECENTE HISTÓRIA DE UMA ANTIGA IDÉIA

O socialismo, entendido como a preocupação por uma sociedade que suprimisse as desigualdades entre os homens, é uma idéia que pode ser encontrada no passado remoto da História Universal.

Idéias deste tipo podem ser encontradas já na Grécia Antiga onde Platão, por exemplo, ao examinar as sociedades primitivas, nos falava de um estado da natureza baseado na igualdade entre os homens. No decorrer de toda a História nos departamentos, de maneira intermitente, com a existência desta preocupação. Podemos encontrá-la no Império Romano, nos primórdios do cristianismo, nas revoltas dos camponeses durante a Idade Média ou, de maneira mais elaborada, nas obras de alguns escritores dos quais o mais conhecido é, sem dúvi-

da, Thomas More com a sua *Utopia* (1516).

No entanto, o socialismo, tal como é entendido, geralmente, em nossos dias, entra no palco da História apenas em meados do século XVIII. E entra, de início, com um papel secundário, pois o palco estava literalmente tomado por uma primadona do porte da Revolução Industrial, acompanhada de um séquito de coadjuvantes composto pela jornada de trabalho de 14 horas, a expulsão dos camponeses de suas terras, os salários de fome, a exploração bestial de mulheres e crianças e a inexistência das mais mínimas condições para que a vida da maior parte da população se diferenciasse da de um animal. As idéias socialistas são uma consequência da miséria reinante, são os gritos de revolta de uma população à procura de sua dignidade humana.

Este ideal socialista aparece no seio da luta dirigida por uma burguesia (cujo poder econômico crescia a cada dia) contra uma aristocracia que, apesar de economicamente decadente, ainda dominava o poder político. É no calor desta luta que o socialismo vai-se temperando, amadurecendo e, gradativamente, percebendo suas características de sonho, de utopia, para tornar-se um instrumento de crítica social e de luta política.

Quando em 1827 a palavra socialismo é utilizada pela primeira vez, num artigo da *Cooperative Magazine*, ela já designava, de maneira global, toda uma forte corrente do pensamento político

que acreditava ser necessário radicalizar o modelo de democracia que a burguesia pregava como ideal para substituir o regime monárquico despótico. Além de socialistas, os partidários desta corrente também eram conhecidos como democratas radicais, cooperativistas ou comunistas.

Aos componentes da corrente que se formia durante esta fase de amadurecimento do ideal socialista, costumamos denominar, hoje em dia, de socialistas utópicos ou socialistas pré-marxistas. Sua existência pode ser localizada entre meados do século XVIII e meados do século XIX. A partir de então, a reflexão apresentada por Marx em suas obras vai realizar um corte na História do Socialismo, introduzindo o socialismo científico ou marxista.

Examinaremos, inicialmente, o socialismo pré-marxista.

Sabe-se que os momentos de profundas transformações estruturais da sociedade, bem como aquelas de insurreições sociais, constituem terreno bastante fértil ao aparecimento de idéias mais radicais. Os primeiros sonhos socialistas, da mesma forma que a fase mais rica de seu desenvolvimento, não fugiram à regra e ocorreram em momentos deste gênero.

Escaparia às proporções deste livro proceder a uma reconstrução da História européia a partir do século XVI para facilitar a compreensão do apa-

recimento das diversas idéias socialistas. Podemos, entretanto, elaborar tal panorama de maneira mais simplificada e esquemática.

Na Inglaterra, o século XVI representou o amadurecimento da luta da burguesia comercial ligada às grandes navegações contra o domínio absoluto da sociedade por uma monarquia já obsoleta e uma Igreja corrupta. Dentro deste panorama surgem obras como a de Thomas More e de Francis Bacon, propondo uma sociedade alternativa onde a inexistência da propriedade privada asseguraria a felicidade dos homens.

A *Utopia* de More é anterior e de importância muito maior que a *Nova Atlântida* de Bacon. Em seu livro, More trata, inicialmente, do problema de organização das sociedades, criticando as formas adotadas em sua época. Em seguida ele nos apresenta a descrição de uma ilha imaginária onde se instalará uma sociedade comunista modelo. Três personagens com idéias políticas extremamente diferentes discutem a forma de governo desta ilha. A ilha de Utopia é uma República Federativa composta por 54 distritos, onde as terras são comuns, a jornada de trabalho é de 6 horas e a liberdade de pensamento e expressão é total. Discutindo as vantagens e desvantagens do sistema, os três personagens acabam por abordar um interessantíssimo ponto que, séculos mais tarde, estaria novamente na ordem do dia das discussões socialistas: o da

reforma ou revolução. A questão era saber se um regime comunista poderia ser implantado de forma pacífica; perguntava-se se seria útil convencer um rei todo-poderoso a introduzir reformas sociais em seu país de modo a criar uma sociedade mais justa; enquanto um dos debatedores considerava esta alternativa viável, um outro mostrava que todas as tentativas de remediar os males sociais por meios brandos estavam condenadas ao fracasso pois, enquanto existisse a propriedade privada, a melhor parte da nação ficaria condenada a um regime de superexploração e de pobreza permanente.

A partir de More, muitos outros escritores desenvolveram idéias utópicas sobre uma nova sociedade. Ainda que a maioria deles concordasse com a necessidade de eliminação da propriedade privada, as alternativas de organização social propostas nem sempre se aproximavam daquilo que entendemos por democracia. No século XVI, em meio às lutas que agitavam a Itália para livrá-la do jugo estrangeiro, surge, por exemplo, uma obra como a de Tomás Campanella. *O Estado do Sol* proposto por Campanella apresenta claras características absolutistas; a um magistrado supremo estariam sujeitas todas as questões temporais e espirituais da nação e a nova sociedade seria aprimorada por uma intensa educação física e intelectual e por uma reprodução controlada, de maneira a gerar homens mais aptos. Na medida em que as alterações da estrutura

econômica do Velho Continente passaram a se acelerar, no final do século XVII e principalmente durante o século XVIII, os sonhos de uma sociedade perfeita em uma ilha distante cedem lugar a críticas mais concretas às estruturas políticas que perpetuavam uma situação social cada dia mais catastrófica. As conseqüências da primeira fase da Revolução Industrial na Inglaterra e a flagrante inadequação da decadente monarquia à moderna sociedade francesa que surgia estavam a exigir análises críticas e propostas consistentes para uma efetiva alteração do "status quo". Esta fase é marcada pela produção intelectual daqueles que são conhecidos como críticos sociais.

Os críticos franceses centravam seus ataques, de uma maneira geral, na monarquia, na religião e no absolutismo, responsabilizando-os pela reprodução da miséria da maioria da população. As soluções apresentadas pelos principais escritores desta linha, ainda que de pouca profundidade, eram bastante divergentes. Meslier, por exemplo, dizia que a resposta aos problemas enfrentados estava na união dos povos contra a tirania e na compreensão das leis da natureza. Já Morelly achava que nenhuma forma de Estado, nem mesmo a democrática, poderia resolver a situação; a paz social só seria encontrada no dia em que os homens retornassem às leis da natureza. Outro destes críticos que se destaca é Mably, que julga uma série de reformas poder acabar com o

egóismo do homem, que era a causa dos males sociais.

Do lado inglês, dois são os nomes que têm maior importância. O primeiro é o de Winstanley que, após tentar, sem sucesso, desenvolver uma experiência de trabalho comunitário na agricultura, escreve uma doutrina onde mostra que a sociedade estava dividida em classes antagônicas e prega o trabalho coletivo e a propriedade comum da terra como os meios para se atingir a felicidade. Do ponto de vista teórico, a obra de Charles Hall, *Os Efeitos da Civilização* (1805), é bastante mais importante do que a dos demais críticos pois tenta explicar a questão do lucro. Os trabalhadores criam valores, mas só recebem um salário; o valor que produzem é sempre maior do que o salário que recebem, e esta diferença, que permanece com o patrão, é o lucro. Segundo ele a diferença entre os ricos e os pobres tendia a aumentar, acentuando com isto o antagonismo entre os dois grupos até ao ponto em que estalaria uma guerra civil entre eles. Apesar da clareza de sua análise, Hall limita-se a propor que a situação fosse alterada por meio de reformas como a nacionalização do solo, simplicidade de costumes, etc.

É, indubitavelmente, a Revolução Francesa que traz consigo um aumento considerável das idéias socialistas e que lhes dá, definitivamente, consciência de seu caráter de luta política real pela modificação das estruturas sociais vigentes. Ao desencadear

o processo revolucionário, com o intuito de se aposar do poder político que estava em mãos da nobreza, a burguesia francesa contava com o apoio da maior parte da população francesa. Desde o início da Revolução Francesa, porém, a contradição existente entre esta burguesia — que já gozava dos benefícios do sistema capitalista que se estruturava — e as demais camadas da população que nada ou quase nada possuíam era visível. Os burgueses aceitavam lutar lado a lado com o restante do povo francês contra a nobreza e o clero, mas não tinham a menor intenção de com eles dividir o poder, após a vitória.

Pequenos — burgueses, artesãos, operários e a enorme massa empobrecida não tardaram a perceber que não deveriam apoiar incondicionalmente a condução do processo revolucionário pela burguesia, pois isto implicaria aceitar mudanças políticas que não trariam consigo mudanças objetivas em suas condições de vida. Constituem-se então o republicanismo de esquerda e o revolucionarismo proletário como respostas políticas destas camadas às propostas burguesas de monarquia constitucional ou república moderada.

Logo na fase inicial da Revolução Francesa aparece claramente o confronto entre estes dois grupos. A primeira constituição do período revolucionário, a Constituição de 1793, foi considerada, pelos privilegiados burgueses, como excessivamente democrática; na opinião dos que nada possuíam, todavia, tal

constituição deixava, evidentemente, muito a desejar.

Se tivermos em mente a seqüência dos fatos da Revolução Francesa, recordar-nos-emos que, na fase seguinte, a repressão generalizada desencadeada por Robespierre não deixou o menor espaço de atuação para estas correntes populares. Com a morte de Robespierre e a vitória da contra-revolução, os revolucionários populares lançam-se à preparação de uma Conjuração que pretendia instalar um governo de caráter socialista. Conhecida como Conspiração dos Iguais, este movimento foi inspirado e dirigido por Baboeuf e por um italiano radicado na França, Buonarroti.

Apesar do fracasso da Conjuração e da morte de Baboeuf, devido a uma traição, as idéias dos conspiradores foram reunidas em livro, alguns anos mais tarde, pelo próprio Buonarroti, sob o título de *A Conspiração de Baboeuf*. Esta obra foi responsável pela influência que esta conjuração exerceu sobre os movimentos revolucionários do século XIX. O que há de extremamente importante nas idéias de Baboeuf e Buonarroti é que, pela primeira vez, apresenta-se uma técnica revolucionária. Eles partiam da constatação de que os ricos não iriam entregar o poder ao proletariado por livre e espontânea vontade e que, por isto, era necessário elaborar uma tática que permitisse a estes proletários tomá-lo pela força. Pela primeira vez deixa-se de lado a crença bastante simplista de que como a filosofia da burguesia

estava baseada na Razão e que, do ponto de vista social, nada poderia existir de mais racional do que uma sociedade justa e igualitária, a burguesia seria capaz de criar, por si própria, o bem-estar geral. Começou-se a perceber que Liberdade, Igualdade e Fraternidade para a burguesia não significava a mesma coisa do que para o proletariado, e que este último, para conseguí-lo, teria de se organizar e lutar. Segundo Buonarroti, quando o proletariado tomasse o poder seriam imediatamente abolida a propriedade privada e assegurados educação e trabalho para todos, mas, no que diz respeito à forma de governo, far-se-ia necessária uma fase de ditadura para consolidar o poder proletário.

As características de operação militar da revolução proletária socialista e a necessidade de uma ditadura do proletariado para consolidar a democracia comunista, pregadas por Baboeuf e Buonarroti, estabelecem o advento do moderno socialismo, abrindo caminho para o socialismo científico e influenciando seus criadores, Marx e Engels.

No caminho que vai de Baboeuf a Marx, uma série de movimentos revolucionários ocorreram e muitos pensadores socialistas surgiram, propondo soluções diversas.

Um destes movimentos foi o cartismo, a luta pela Carta do Povo, na Inglaterra, na década de 1830. O cartismo representa, dentro do processo político inglês, a tomada de consciência do proletariado de

que vinha sendo utilizado politicamente apenas como instrumento da burguesia em suas lutas contra a nobreza. Apesar de heterogêneo, o movimento permitiu uma notável propaganda das idéias socialistas na Inglaterra.

Experimentado na luta política e encontrando um terreno preparado por idéias de homens como Thompson, David Ricardo e Owen, o operariado inglês lançou-se em grandes demonstrações, petições, passeatas e, algumas vezes, tentativas de revoltas, para melhorar suas condições de vida. A plataforma dos cartistas era, no entanto, exemplo claro das contradições que existiam no seio deste movimento: reformistas misturavam-se a revolucionários, aqueles que se satisfaziam com a mera adoção do sufrágio universal encontravam-se no mesmo movimento que aqueles que acreditavam estar dando o primeiro passo para uma revolução socialista. Foi a repressão por parte do governo inglês e a divisão cada vez mais acentuada entre estes dois grupos que levaram ao término do movimento durante a década de 40 e a um afastamento do operariado inglês das idéias socialistas.

Do lado da produção intelectual socialista que antecede ao marxismo, quatro são os escritores que merecem nossa atenção: Saint-Simon, Fourier, Owen e Proudhon. A importância dos três primeiros já foi ressaltada por Engels no último capítulo de seu livro *Anti-Dühring* (também publicado

separadamente sob o título de *Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico*), já o último desenvolve uma teoria contrária às idéias marxistas e vai ser atacado por Marx em *A Miséria da Filosofia*.

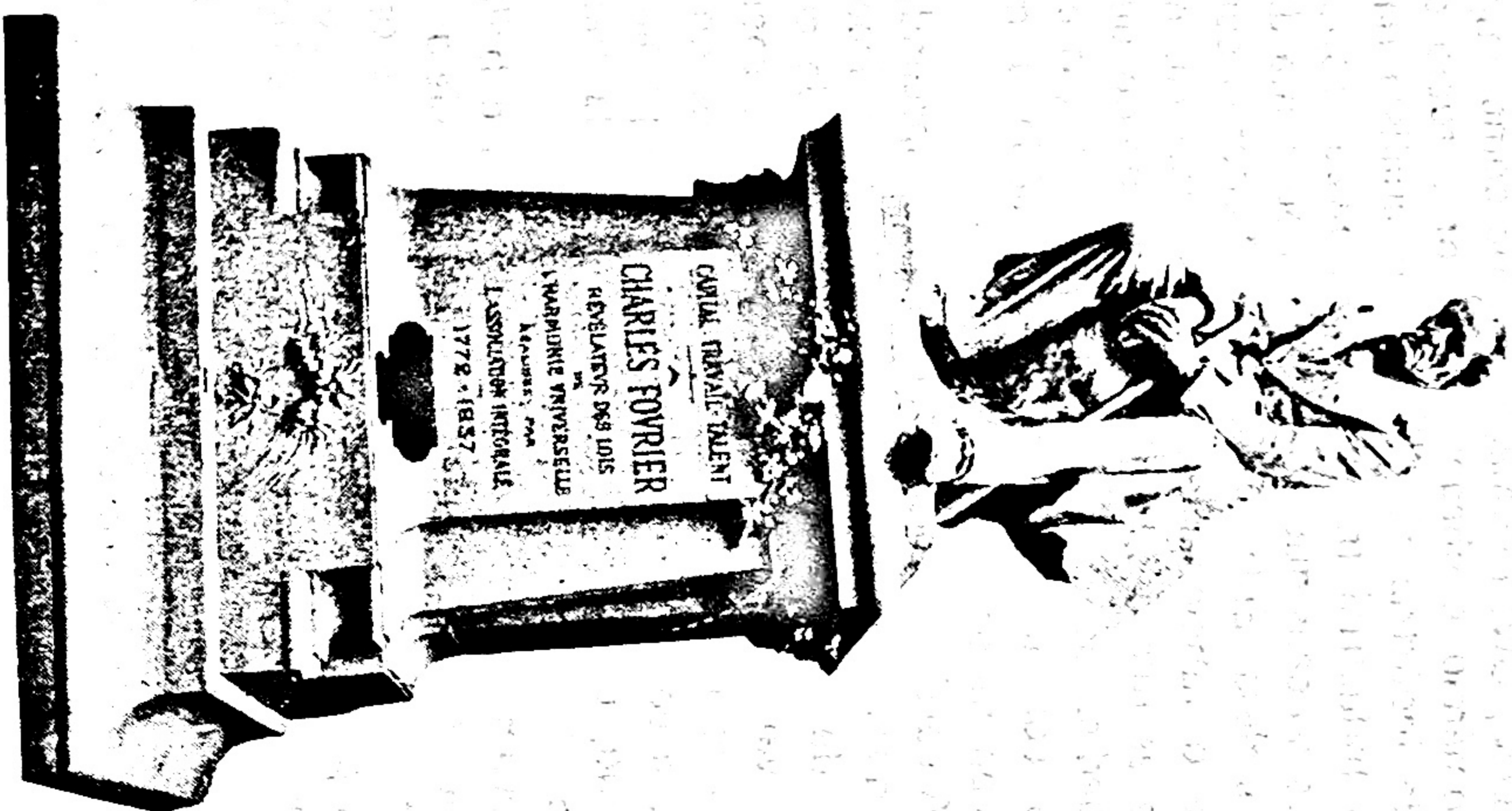
Saint-Simon foi, em realidade, um liberal avançado. Escrevendo suas obras iniciais durante a primeira fase da Revolução Francesa, ele ainda possuía como ponto básico de sua visão de sociedade a divisão entre os "ociosos" e os "produtivos". Isto fazia com que quando pregasse a necessidade de um governo dos trabalhadores, nele incluisse não só os operários, mas também os industriais, banqueiros e comerciantes. Propunha a livre empresa e a manutenção do lucro dos capitalistas, desde que estes concordassem em assumir certas responsabilidades sociais. Em suas obras finais ele vai propor um novo cristianismo para melhorar a sorte das classes desfavorecidas, uma doutrina social bastante avançada para a época.

Apesar do caráter liberal da doutrina saint-simoniana, vários foram os pontos onde, como nos mostra Engels, ele fez descobrimentos geniais. A percepção da Revolução Francesa como luta entre duas classes, da inevitável primazia futura da economia sobre a política e da futura transformação do governo político sobre os homens numa gestão administrativa das coisas e dos processos de produção, são alguns dos pontos em que o pensamento de Saint-Simon fez avançar a teoria socia-

lista. Os seus seguidores, procedendo a uma mudança de ênfase de certos pontos da doutrina de Saint-Simon, acabaram por transformá-la numa crítica socialista ao capitalismo.

Outro francês que pregou suas doutrinas no início do século passado foi Charles Fourier. Extremamente genial em suas críticas ao mundo e ideologia burgueses (Engels chega a considerá-lo o maior satírico de todos os tempos), Fourier avança na compreensão da História da Humanidade, utilizando a dialética como instrumento. Suas proposições para as mudanças que acreditava necessárias para a sociedade não foram, no entanto, brilhantes; sua teoria dizia que se a vida fosse organizada baseada na associação e no cooperativismo, todos os homens poderiam desenvolver integralmente seus talentos. A última fase da História da Humanidade, na sua compreensão, seria o socialismo (que ele chamava de socialismo) e nesta fase os homens obedeceriam às normas cooperativistas e viveriam em edifícios especialmente concebidos para a felicidade humana, denominados falanstérios. Acreditava necessária a imediata fundação de comunidades e construção de falanstérios e para isto recorria constantemente a filantropos ricos que financiassem seus planos.

Robert Owen representou na Inglaterra, na fase que antecede o movimento cartista, a passagem para o socialismo moderno. De ascendência pequeno-

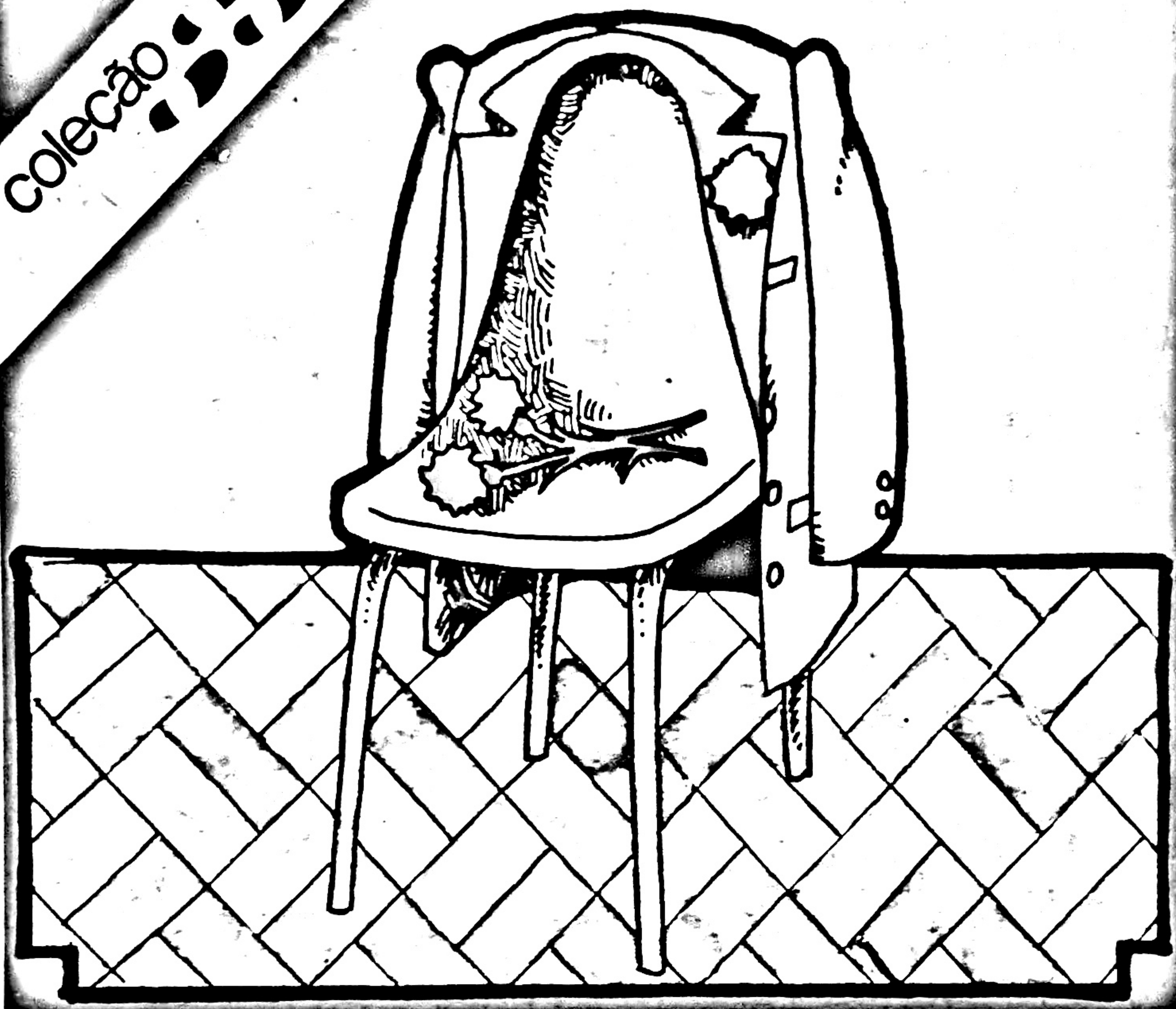


-burguesa, Owen começou a vida como empregado de comércio e chegou a diretor e sócio de uma grande indústria têxtil. Arguto analista da Revolução Industrial Inglesa, ele resolveu propor alterações ao caos que estava tomando conta da sociedade inglesa. Entre 1800 e 1829 alterou completamente o funcionamento de sua fábrica, humanizando as relações, diminuindo o horário de trabalho, dedicando-se à educação das crianças e fornecendo condições decentes de saúde e moradia a seus operários.

A partir do sucesso deste seu empreendimento (vale dizer que com todas estas modificações os lucros de sua empresa não deixaram de crescer), Owen vai radicalizando sua visão da sociedade, colocando em xeque a própria validade do lucro. Passou a combater as instituições e a pregar o comunismo, chamando contra si a ira da sociedade inglesa.

Owen foi um dos mais lúcidos e brilhantes pensadores socialistas de sua época e a ele devem-se importantes modificações na vida da classe operária de seu país, dentre as quais a legislação reguladora do trabalho de mulheres e crianças e a criação de cooperativas de consumo operárias.

colecção primeiros passos



Arnaldo Spindel
O QUE É
O SOCIALISMO

editora brasiliense